



## **EDUCAÇÃO E CAPOEIRA COMO AGENTES DE AUTONOMIA**

Carlos José Silva– FURB

### **Resumo:**

Este texto desenvolvido com base em pesquisa de mestrado realizada junto ao Grupo de Pesquisa Filosofia e Educação EDUCOGITANS da FURB, tem como propósito maior compartilhar o debate desenvolvido na perspectiva de trazer a capoeira como jogo e dança como agente de educação que tenha a autonomia e a libertação como foco referencial. O texto trata da história da capoeira como algo gestado a partir de grupos humanos que foram desumanizados e que buscaram na capoeira formas de reação e também de comunicação inter-étnica. Esse movimento rompeu barreiras e atualmente se apresenta como componente curricular em escolas e universidades e é com esse foco que esse texto debate a capoeira como processo de educação da autonomia e libertação e não como treinamento de movimentos e coreografias para representação folclórica. A construção teórica se ampara em Paulo Freire na questão educacional e em diferentes autores para resgatar a história social e política desse movimento popular genuinamente brasileiro.

**Palavras chave:** Educação e capoeira; Capoeira, libertação e autonomia; Educação e libertação; História da capoeira.

### **Introdução**

Este texto trata das aproximações contextuais que se referem a aspectos que envolvem a capoeira, como possibilidade de se apresentar como componente curricular de proposta educativa que tenha a autonomia e a libertação como referencial privilegiado. Essa escolha se deu com base na carga de libertação e autonomia pela qual essa atividade humana se constituiu e se organizou no seio de grupos que tiveram sua humanidade roubada e vilipendiada, sendo, portanto, segundo Paulo Freire, o locus ideal para a organização e contextualização de processos de libertação e autonomia.

A primeira tentativa de aproximação entre a capoeira e a educação aconteceu por meio de um trabalho desenvolvido por volta de 1907, amparado na esperança de colocar a capoeira como elemento fundamental para uma ginástica brasileira. Esse movimento tem aspectos curiosos, como o fato do autor desse processo ser conhecido atualmente apenas como O.D.C. pelo fato de não poder revelar sua identidade. Segundo Silva (2006) em 1907, surge a primeira tentativa de instituição de uma ginástica brasileira, com o opúsculo “O guia da Capoeira ou Ginástica Brasileira”. Esse movimento não foi adiante pelo fato dessa atividade deixar de atender aos quesitos que faziam do esporte que se caracterizava como ação da elite,

para combater a vida sedentária e imobilizada que levavam, pautada na higiene, na obediência às normas e na preservação dos valores da classe social a que pertenciam.

Esse autor não podia vincular seu nome à sua obra nem aos seus ideais pelo fato dele ser oficial do exército e existia grande recusa das elites para tudo que, de certa forma, se manifestasse como popular. Um aspecto relevante e que cabe destacar era o fato da capoeiragem ser utilizada como atividade regular de exercício, no qual estavam envolvidos seus comandantes e seus comandados, os quais tinham na capoeira uma atividade de luta de corpo a corpo que desenvolvia de forma excelente a destreza e a interação entre os membros da tropa.

Segundo Silva (2005, p22), em 1928, Anibal Burlamaqui publicou um opúsculo, sob o nome título Ginástica Nacional – (Capoeiragem) Metodizada e Regrada, que pode ser considerado como um melhor trabalho elaborado no gênero, superior portanto ao impresso em 1907 de autoria de O.D.C. Isso por que Anibal deu ao seu texto um formato coerente com a postura positivista que imperava na época e O.D.C. lidava mais com o sentimento, a sensibilização e a postura de interação de cada pessoa ao desenvolver a capoeira não se prendendo a metodologias, de tal forma que cada um poderia desenvolver seu estilo próprio. Essa liberdade dificultava uma uniformidade própria da obediência esperada pelas autoridades, em contraponto à formação de movimentos livres que poderiam caracterizar também, posturas de maior autonomia e liberdade, que poderia gerar enfrentamentos mais eficazes.

A intenção de Anibal Burlamaqui com essa sistematização, era de fazer com que a capoeira fosse vista como um método de ginástica mais adequado para a educação dos jovens educandos em todo território nacional, dessa forma, além de colocar em evidência uma luta criada em solo brasileiro, teria por meio dela a oportunidade de fazer ressurgir a capoeiragem, com toda a sua história e os saberes passados oralmente de geração a geração. Essa publicação defendia uma proposta que se mostrava como um grande diferencial para propagar saberes e conhecimentos carregados de brasilidade. Esses aspectos seriam viáveis na medida em que passavam a figurar como arte-luta rompendo a posição anterior de ser perseguida e discriminada sendo a partir daí disseminada nos espaços considerados nobres e seletos como escolas, quartéis militares, clubes, ginásios esportivos e em todos os lugares possíveis para se ministrar aulas de alguma atividade corporal.

Na década de 1930, aconteceu um fato muito importante para a expansão da capoeira no cenário nacional, quando Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), faz uma apresentação a convite do então governador da Bahia, Juracy Magalhães, para o presidente

republicano Getúlio Vargas. A intenção era de ampliar sua popularidade, e para tal fez valer sua proximidade com o poder central para, por meio de sua influência política, conseguir interceder para liberar manifestações populares como a capoeira, que havia sido proibida logo depois da proclamação da república pelo Marechal Deodoro da Fonseca, por meio do código penal pelo decreto número 487, de 11 de outubro de 1890 no qual o artigo 402 dizia que:

Fazer nas ruas e praças pública exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecido pela denominação de capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir lesões corporais, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoas certas ou incertas, ou incutindo temor a algum mal, será preso com dois e seis meses de prisão.

Parágrafo único – é considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta e aos chefes ou cabeças se imporá à pena em dobro.

Art. 403 – no caso de reincidência será aplicado ao capoeira, no grau Máximo a pena do art. 400 que é prisão de um a três anos em presídios militares.

Art. 404 – se nesses exercícios de capoeiragem perpetuar homicídios, praticar lesão corporal, ultrajar o pudor público e particular, e perturbar a ordem, a tranqüilidade e a segurança pública ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes. (REIS, 2006, p.53-54).

Esse decreto mostra como as primeiras lideranças republicanas do Brasil, tinham necessidade de impedir as manifestações populares, pois essas fugiam de seus controles e comandos.

A liberação definitiva da Capoeira se deu apenas no ano de 1972, novamente num contexto populista e positivista, circundado pelos princípios do golpe militar, antidemocrático que atingiu o Brasil, depois de 1964, a Capoeira segundo SILVA (2005, p23) foi reconhecida como atividade desportiva pelo Ministério da Educação e Cultura, repetindo-se o movimento populista realizado por Vargas. Diante dessas contradições, novamente um movimento popular se esvazia de conteúdo e paixão para se viabilizar por meio da autorização e permissão de governos despóticos e não de movimentos de reivindicação popular.

A simples autorização oficial tira do movimento popular a legitimidade de suas reivindicações o que se caracteriza como uma tática histórica de governos autoritários e tiranos, para esvaziar movimentos e reivindicações populares conforme KEIM (2011).

Cabe assim, aos movimentos e organizações populares, superarem essa matriz autoritária, para vencer o preconceito que cerca as manifestações que têm origem nas organizações do povo, como reação ao seu silenciamento e à invisibilidade a que são expostos, pela tradição colonialista, que ainda impera na matriz cultural das elites, que se negam a reconhecer valor, principalmente no que vem de matriz indígena ou de afro-brasilidade.

O preconceito e o impedimento de realização da Capoeira em diferentes recintos e locais como terreiros e encruzilhadas nos quais se revestia de misticismo e espiritualidade, antes de diminuir, ampliou e deu visibilidade e importância à capoeira, pois foi daí, que se tornou viável o estudo que o professor Innezil Penna Marinho realizou a partir dos opúsculos de Ginástica brasileira de O.D.C. e Burlamarque para, em 1982, publicar a obra “Capoeira - Ginástica Brasileira” onde destaca que

Da mesma forma que nossos meninos se dirigem diariamente às academias de Judô e Caratê, portando uniformes dessas lutas orientais, deseja o Autor que, em futuro próximo, se sintam eles orgulhosos de levar sob os braços o seu uniforme de capoeira, como símbolo não de coragem e destreza, mas, e sobre tudo, de sua alma nacional, de sua consciência impregnada de brasilidade. (MARINHO, 1982, p15)

Com essa intencionalidade, Marinho se mostrou como um dos principais defensores da capoeira como movimento nacional, ao escrever em sua obra de 1982, um projeto que evidenciava toda a importância da capoeira, quando ele propõe o reconhecimento de algo genuinamente nosso e que tivesse ligação com a nossa cultura, como registro e reflexo de uma musicalidade cheia de espontaneidade e da valorização do que é próprio da natureza do povo brasileiro.

Essa breve apresentação da relação existente entre a Capoeira e a educação, pode ser apontada como argumento para justificar e apontar a entrada da Capoeira na escolarização nacional, utilizando como porta de entrada a via da Educação Física, o que viabiliza uma mudança de posição ao passar de luta para jogo e depois em diferentes setores passou de jogo para movimentos coreográficos se caracterizando como dança. A identificação da Capoeira como dança e também como jogo, segundo alguns estudiosos, possibilitou que ela adquirisse status de elemento constituinte da ciência da motricidade humana na perspectiva da brasilidade.

Apesar dessa progressão de inserção no cenário multicultural e interdisciplinar, na perspectiva da escolaridade brasileira, ela alcançou o patamar de ser inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais em 2003, por meio da lei 10.639/03, como componente obrigatório a ser oferecido, nas atividades correspondentes à Educação Física. Outro ponto importante de inserção da capoeira no contexto escolar brasileiro, apóia-se no fato dessa Lei estabelecer como obrigatório, o desenvolvimento de atividades que desenvolvam a cultura afro nas escolas.

## **Capoeira e mudanças sociais da libertação**

A Capoeira é uma manifestação da cultura brasileira na menção de Areias (1983), Montenegro (1989), Falcão (1996), Freitas (1997), Vieira (1998) e Silva & Tavares (2000). Trata-se de um misto de luta, jogo e dança, praticada ao som de instrumentos musicais (berimbau, pandeiro, atabaque e palmas) e cânticos. No senso comum, a prática da capoeira se apresenta como formação de um sistema de auto-defesa e condicionamento físico, o que de certa forma já foi sua função e meta, na medida em que seus praticantes se confrontavam com ataques violentos vindos tanto de grupos rivais quanto das autoridades. Atualmente no contexto em que essa pesquisa se refere, não se pode negar que mesmo atualmente existam capoeiristas focados em processo de luta valorizando postura de ataque e defesa, mas nesse trabalho o foco é a Capoeira como dança/jogo na medida em que nega processo competitivo, e valoriza a relação e interação humana, voltada para o desenvolvimento físico, mental e emocional dos praticantes. Apesar dessa posição a Capoeira destaca-se dentre as modalidades desportivas de luta, por ser a única originariamente brasileira e que se fundamenta realmente nas raízes das tradições culturais de matriz afro-brasileiras.

É interessante realçar que a Capoeira como luta de ataque e defesa teve seu processo histórico pautado na necessidade de reação à forma brutal com que os negros escravizados foram tratados no Brasil, donde se tem que foram trazidos do continente africano cerca de quatro milhões e quinhentas mil pessoas que aqui eram obrigados a reproduzirem e gerarem maior contingente de trabalhadores escravos não se tendo o número de pessoas mortas de forma precoce devido aos maus tratos recebidos.

Diante da mudança de postura da Capoeira, de luta para dança/jogo e/ou proposta de ação psico-motora, até como meio de desenvolvimento da motricidade humana e possivelmente como processo a ser investigado, dela se apresentar como dimensão brasileira/afro-ameríndia da Eurytmia proposta por Rudolf Steiner autor da Antroposofia e da Pedagogia Waldorf, com base numa pesquisa coordenada por Keim (2011 b) junto à Alanus Universität na Alemanha. Por tudo isso a Capoeira tem obtido cada vez mais espaço nas instituições educacionais, da Educação Infantil à Universidade, passando pela Educação Especial ou Compensatória, e sendo cada vez mais reconhecida em todas as instâncias da sociedade brasileira, como um meio privilegiado de expressão e até mesmo como coadjuvante em determinadas terapias, devido ao seu aspecto psicomotor.

A partir das situações vivenciadas, os educadores inovam, adaptam e criam novas dinâmicas desenvolvendo criatividade e agilidade de cada componente, por meio da cooperação, da mediação do instrutor e dos demais participantes. Alguns participantes com dificuldades especiais conseguem ganhos importantes no que tange à coordenação, tônus, equilíbrio, agilidade, ritmo e esquema corporal. Nesse sentido Campos destaca que

Aprender Capoeira é acima de tudo, interagir com a identidade cultural de um povo, é vivenciar a expressão corporal, é ter a possibilidade de adquirir o espírito crítico reflexivo da sociedade onde está inserido. É a certeza da contribuição para um elo harmônico corpo/mente, valorizando o talento, as potencialidades humanas e reconhecendo seus limites e oportunidades. (2001, pg.78)

Talvez tal procedimento metodológico não satisfaça aqueles que desejam somente adquirir técnicas de auto-defesa, mas satisfaça os que desejam se desenvolver de maneira global. Apesar dessas diferenças é destacável para aqueles portadores de necessidades especiais e para os longevos, o ganho que é visivelmente percebido, pelas pessoas com quem eles convivem. Avaliar esses ganhos pode ser um tema interessante para futuras pesquisas.

A convivência nas ações de Capoeira exigem interação interpessoal e percepção do movimento do parceiro e isso amplia visivelmente a capacidade comunicativa e afetiva entre os integrantes do grupo. A vivência corporal possibilita o descobrimento de potenciais próprios de cada pessoa bem como de seu próprio ritmo, na medida em que amplia a convivência com diferentes histórias e a leitura de cânticos, que traz para seu dia-dia palavras, poemas, versos e questionamentos antes desconhecidos. O contato e intercâmbio entre os participantes nas rodas ajuda no convívio social, pois os principiantes tornam-se progressivamente inclusos. Essas abordagens encontram base teórica em diferentes campos do conhecimento abrangidos principalmente pela ciência da Motricidade Humana, o que estimula, na perspectiva da Capoeira novas investigações tendo por base Manoel Sergio e Eugenia Trigo (2009).

Nessa perspectiva cabe destacar que a essência da Capoeira é a inclusão e interação das pessoas entre si, portanto não existem limites ou barreiras de gênero, idade ou condição física e mental. Na roda todos são pessoas que interagem e que dependem uns dos outros, não cabendo nenhuma forma de discriminação, pois os que ficam no centro se movimentam ao ritmo dos que estão à volta. Quando motivados, nem os longevos, nem os portadores de necessidades especiais negam-se a executar a movimentação na roda, independente do seu nível de habilidade.

Como essa ação envolve muita emoção se tem que ela, apesar de se caracterizar como interação entre pessoas, conta com as diferenças que podem gerar distanciamentos, muitas vezes por temperamentos mais exaltados ou também pelo momento emocional e afetivo dos integrantes, o que faz crescer a necessidade da presença de um coordenador da roda, capaz de perceber e mediar essas possibilidades. Esse coordenador não se apresenta como um organizador mas como um maestro que por meio dos cantos e do ritmo pode estimular e refrear estados de comportamento dos integrantes. Essa pessoa que coordena as sessões de Capoeira, como o maestro na frente de uma orquestra, tem que estar em equilíbrio, pois na roda a cada momento surgem novas situações, devendo o instrutor adaptar-se às inúmeras situações mutáveis, de acordo com a destreza, o tônus, o equilíbrio e a ansiedade dos participantes.

Todo esse relato se comporta de forma direta com as proposições de Paulo Freire para a educação, como por exemplo, toda a riqueza histórica, cultural, social e de movimentos corporais que estão presentes na Capoeira fazendo com que ela seja objeto de estudos como uma opção de ensino e aprendizagem entendendo assim, a capoeira como uma atividade significativa para uma educação que favoreça o desenvolvimento das potencialidades nas crianças e adultos ajudando a estabelecer relações com o grupo do qual fazem parte. Segundo Silva (2005, p31)

No jogo da capoeira, onde são evidenciadas qualidades físicas tais como, agilidade, destreza, coordenação, flexibilidade etc., o capoeirista desenvolve a criatividade, devendo primar pelo respeito e pela camaradagem, jogando dentro das regras para se recrear e não para testar capacidades. Tende, assim, a desenvolver de forma integrada os três domínios de aprendizagem do ser humano: psicomotor, afetivo-social e cognitivo.

Paulo Freire nesse sentido se refere, como já foi dito, que a perspectiva ontológica freiriana contempla os humanos como seres incompletos pelo fato de cada pessoa viver em comunhão com outros e, portanto não pode viver isolado das demais pessoas, inconclusos por que cada pessoa se percebe em permanente processo evolutivo na medida em que se reconhece inserido em meio eco-desorganizativo/organizativo e inacabados na medida se reconhecem como imperfeitos.

Paulo Freire ainda tem importante relação com essa atividade na medida em que desafia os docentes e discentes a pensarem na educação como processo que promove: cultura historicizada para fazer frente à naturalização que minimiza as tensões; cultura de socialização para fazer frente à apropriação individualista que permeia nossa sociedade

apoiada no mercado e cultura de conscientização para fazer frente à alienação que desmobiliza e distancia as pessoas do que dificulta e impede a vida com plenitude conforme propõe Romão (2000). Assim a capoeira se mostra como processo alinhado com a proposta impressa na Pedagogia do Oprimido (1978) de que nada é natural e tudo tem uma história com autor, data e local do ocorrido, de que nada pode ser plenamente executado de forma individualista mas se concretiza na medida em que se desenvolve como agente de socialização e partilha e nada pode ser executado sem que os integrantes do processo sejam conscientes de sua importância e de seu papel para que o fato se desenvolva plenamente.

### **A capoeira como agente de libertação**

Para atender à necessidade de desenvolvimento da colônia brasileira, os portugueses viram que seria economicamente mais viável se trouxessem para o Brasil a mão-de-obra negra, com base nas experiências “bem-sucedidas” de escravidão em Portugal, iniciadas por volta de 1410. Assim, a primeira leva negra de que se tem notícia no Brasil, chegou em 1536. Esse fato ocorreu sob a tutela e permissão da igreja que permitia a escravidão do povo africano, pelo fato de que foi construída uma visão voltada para a concepção de que era natural e bíblicamente fundamentada a superioridade étnica dos brancos europeus o que constituiu a visão católica-cristã-européia-branca da época, segundo a qual o negro não tinha alma e por isso não poderia ser considerado como humano.

Segundo Paulo Freire, a libertação se dá como movimento de revitalização da humanidade roubada e vilipendiada. Essa perspectiva de libertação encontra em Dussel (1995) fundamentação que inicialmente mostra que a liberdade como condição humana transcende a necessidade de cada um, pois ela sempre está além da necessidade apresentada. Ele considera que a necessidade se caracteriza como atendimento à animalidade e os humanos transcendem essa posição por isso a liberdade é uma expressão pequena para ser atribuída como foco e meta a ser alcançada.

Os animais ao terem atendidas suas necessidades alcançam liberdade, mas os humanos como têm consciência do que desejam e por isso querem sempre mais, transcendem a liberdade e alcançam um estágio de sempre estarem buscando um estado de plenitude rotulado como dinâmica de libertação e não simples conquistada de liberdade. Baseado nessa argumentação Dussel defende a posição de que para os humanos a palavra liberdade significa estagnação, sendo própria e adequada para os humanos a utilização da expressão libertação que incorpora os fonemas liberta mais ação.



Dessa forma para esse autor, a liberdade como processo de libertação se dá quando a pessoa é capaz de fazer o que seu potencial permite e anseia, tendo o poder de decidir o que fazer com o que já fez e com o que pretende fazer. Nesse contexto a Capoeira como dança se adéqua perfeitamente como processo de libertação e não apenas de liberdade de expressão e ação.

Com base nesses aspectos, nos remetemos a Freire quando destaca que é considerado oprimido, aquele que teve sua humanidade roubada ou vilipendiada, e por isso se mostra e se caracteriza como agente mais capaz de gerar e mesmo de impor cultura. Essa posição se confirma na medida em que apesar das proibições e negações da religiosidade e da cultura trazida pelos negros elas se manifestam de inúmeras formas no contexto civilizatório atual, como movimento de libertação e não apenas de conquista de um status de liberdade.

Considerando então que os aspectos culturais e religiosos tradicionais dos negros escravizados eram desconsiderados e até perseguidos sob a marca de serem manifestações do mal, pode-se imaginar que esse processo estabeleceu postura de reserva e de cuidado pois as manifestações culturais e as crenças tradicionais de natureza muitas vezes transcendentais não são eliminadas e superadas apenas com regras e proibições. As reações às posturas e posições que oprimem geram reações com bases subliminares muito sofisticadas ao ponto de que mesmo com diferentes culturas e línguas convivendo nas senzalas foi possível o estabelecimento de formas e meios de comunicação entre eles com os quais superaram as divergências de origem e promoveram um contexto de reação próprio de cada grupo.

A subliminaridade desse processo se apóia nas possibilidades de que as pessoas em seu processo de libertação constituem meios de comunicação e de organização, que fogem da lógica racionalista, agindo como meios intuitivos que encontram respostas e explicações na fenomenologia e na psicologia, por se tratar de aspectos que transcendem as relações materializadas e codificadas pelos costumes e ditames da sociedade. Nas dinâmicas de libertação são constituídas diferentes e diversas formas de representação do que constituem as relações humanas, por isso os oprimidos são mais capazes de gerar cultura de libertação do que os opressores, pelo fato deles estarem em busca e portanto, em ação geradora do libertas.

Da reação dos negros surgiram diferentes movimentos e formas de enfrentamento, alguns violentos e outros sutis, mas todos buscando formas para desencadear possibilidades de libertação e autonomia. Desses processos podemos destacar a maneira e a ginga própria do linguajar e do agir brasileiro diante das dificuldades e das imposições a que estão sujeitos, gerando a expressão jeitinho brasileiro. Desse processo também se desenvolveu o samba em suas diferentes abordagens e também a capoeira como manifestação de

identidade como busca de reconhecimento e de ampliação de espaço para sua consolidação como agente social e político. Dessa forma estão presentes na atualidade brasileira, diferentes aspectos como manifestação diferenciada da forma original.

A linguagem malemolente cheia de segundas intenções do negro liberto, ao ser incorporada pela burguesia virou linguagem folclórica destacada como maneirice. A ginga corporal e a musicalização irreverente do samba primitivo foi apropriado pela burguesia como reduto e linguagem das escolas de samba com seus enredos enganosos e de falsa manifestação popular. Nesse contexto de apropriação e mudança para atender aos interesses dos dominantes a capoeira deixou de ser luta para se caracterizar como dança, mas se manteve vinculada ao seu foco central e primordial que é o de aprimorar as relações interpessoais, pela reciprocidade e amorosidade.

Dessa forma a capoeira preserva sua matriz de libertação com diferentes formas com as quais a cultura burguesa de natureza opressora se vê ameaçada e que, de forma sutil, no afã de dominá-la, tenta se apropriar de seus ritos e movimentos, mas, apesar de tentativas de incorporá-la ao acervo de manifestação burguesa, não alcançaram êxito, pelo fato dela brotar de forma muito visceral ao que são as pessoas em sua matriz ontológica e cultural.

Antes se caracterizou como forma de luta que gerou inúmeras reações das autoridades, que se sentiam enfraquecidos diante de sua potência e eficácia, como movimento popular, mas que agora se mostra como dança ou mesmo como já foi apresentada nesse texto como processo implícito no contexto da motricidade humana. Essa afirmativa se apóia na constatação de que a capoeira não foi incorporada pelas academias de modelação de corpos, mas continua atrelada a organizações humanas que se percebem como seres ativos e atuantes a favor da vida.

A construção de processos humanos voltados para a libertação, enfrentando a enganosa panacéia da liberdade, sempre foi combatida pelos poderosos ciosos de poder e dentre essas instâncias de opressão se destacam as instituições educacionais e religiosas. As educacionais por meio de seus currículos e as religiosas por meio de seus ritos carregados do rótulo de cuidado para proteger do que representa ameaça de algum mal, como por exemplo, as coisas de viessem das senzalas.

Essa posição foi tão bem instalada no interior das pessoas que até hoje existe resistência da capoeira ser praticada em ambientes eclesiásticos e de domínio da igreja, em diferentes confessionalidades bem como em instituições de ensino, considerando que tudo que advém da cultura, da religiosidade do povo negro não era e não é aceito como referenciais a

serem acatados e propagados. Essa posição se referenda na dificuldade em colocar em prática o que estabelece a Lei 10639/03 que promove a inclusão de estudos e manifestações afro nas atividades escolares.

Essa condição de negação dos direitos dos negros manifestarem suas convicções e darem vida a seus referenciais de cosmovisão já se constituía em uma punição explícita mas de certa forma subjetiva que se somava às forma objetivas dos maus tratos que tinham início na forma como eram capturados e ‘reservados’ para o embarque, na forma como transcorria a travessia atlântica e na forma como eram dispostos como mercadorias sem nenhum direito à privacidade ou intimidade.

A cosmovisão segundo Keim (2011) se caracteriza pelo conjunto de saberes e crenças que um povo acumula a partir de suas vinculações ambientais e territoriais conforme a ancestralidade. Isto é a história, os hábitos, os costumes e tudo mais que constituía o ambiente objetivo, subjetivo, representativo e simbólico transmitido para os mais jovens pelos idosos de tal forma que se caracterizam como um modo de ser próprio de cada povo. Romper e negar essa matriz ontológica é como uma ruína da alma. A cosmovisão é de certa forma o que se caracteriza como a identidade ancestral e simbólica de um povo ou grupo social que tem seus espaços claramente definidos.

Nas fazendas, o negro tinha que trabalhar do primeiro ao último raio de sol do dia, saíam para o campo de madrugada e voltavam ao anoitecer, as formas seus vínculos de cultura e cosmovisão que poderiam gerar a organização de movimentos de reação à condição inumana a que estavam sujeitos.

Sabe-se também que até 1550 não existia entre os negros nenhuma organização, pois os senhores de engenho tinham a preocupação de trazer homens de diferentes povos, porque falavam dialetos diferentes e muitas das vezes eles eram rivais na sua terra natal e por isso tinham suas cosmovisões adulteradas e desprezadas, mas a matriz comum por mais distante que fosse, possibilitava alguma aproximação. Segundo Freitas (2007, p 28) os escravos mesmo pertencendo a grupos com língua, costumes e tradições diferentes, ainda que oriundas do mesmo continente, no momento em que eram obrigados a trabalhar e conviver juntos em senzalas pode-se dizer que essa experiência levou-os a absorver e difundir a cultura uns dos outros.

Ter na mesma senzala pessoas de diferentes etnias era uma condição de certa forma desejada, para evitar a organização de rebeliões, mas essa miscigenação gerava lutas internas que eram resolvidas abaixo de chibatadas. Esse sistema de castigos gerava uma

postura de aproximação dos feitores o que estabelecia nas senzalas, uma espécie de separação entre os escravos mais próximos e mais distantes dos poderosos na tentativa de serem penalizados com menos rigor.

Nessa mesma época, além de usarem a mão escrava nas plantações, os senhores começaram a utilizar a mão escrava da mulher negra dentro dos casarões - para trabalhar na cozinha, na limpeza da casa, lavando roupa, como mães de leite das crianças brancas, e por várias vezes, como objeto de satisfação sexual dos seus senhores. Essas mulheres, apesar de serem escravas, eram uma espécie de outra “casta” de escravas, pois podiam alimentar-se dos restos de comida da cozinha, vestiam-se, tinham um chão mais limpo para dormir, precisavam aprender os modos das pessoas “civilizadas” de seus senhores. Contudo, começaram a perceber que como cozinham, tinham certo poder em suas mãos: podiam envenenar a comida, gerando mal-estares, diarréias e, por vezes, o veneno era tão forte que chegava a matar. Era usual castigos muito severos quando essas ações eram descobertas.

Alguns homens que ganhavam a confiança de seus algozes começaram a trabalhar no trato dos animais da fazenda e nas hortas e também como capatazes e feitores, cuidando e controlando os demais escravos.

### **Capoeira como agente de educação da libertação.**

Na perspectiva da pedagogia freiriana, a liberdade se mostra como processo ininterrupto de libertação, pelo fato dela ser um ponto a ser desenvolvido e não um local a ser alcançado. Henrique Dussel é um filósofo que fundamenta esse debate ao apresentar a libertação como o permanente movimento de busca e organização da condição humana esperada, pelo sentido pleno de sua existência. Portanto para Dussel (1995) libertação é o movimento permanente que as pessoas desenvolvem na direção de organização e construção de seu sentido de plenitude nomeado como libertas. Essa posição fortalece a posição de que a libertação se dá na medida em que a pessoa conhece e se reconhece em permanente movimento de conquista do direito de se responsabilizar sobre o que faz, pensa e organiza. Libertação é então um movimento consciente e individual com foco no coletivo como responsabilidade e não como benefício em causa própria.

A Capoeira nesse sentido e com os argumentos que a apresenta como agente de educação da libertação se mostra como processo capaz de gerar mudanças na raiz do contexto civilizatório no qual estamos imersos, pelo fato de enfrentar os padrões de competitividade e

individualismo exacerbado que obscurecem o ser amoroso fraterno, amigo e planetário que constitui a vocação humana de Ser Mais.

A dinâmica de libertação se manifesta também de forma ímpar como processo intercultural que tem no reconhecimento do outro o foco de como cada um é. É a posição de Levinás (1998) de que eu sou, como o outro me vê, mas essa posição se confronta com a Teoria do Reconhecimento (HONNET, 2009) que nos motiva a sempre perguntar e analisar as possíveis respostas geradas por perguntas como: Como o outro me reconhece? O que faço para que me reconheçam? Como quero que me reconheçam? Como eu me reconheço? Pensar sobre essas questões é uma postura de coragem e desapego que remetem ao auto-conhecimento que sempre desencadeia novas posições geradoras de mudanças pessoais que, certamente, promoverão mudanças no contexto social e coletivo, ao qual fazemos parte e fatalmente, nele geramos mudanças.

A libertação nesse contexto de reconhecimento no outro e na posição de ação intercultural, motiva uma posição que se mostra geradora de superação de diferenças e dificuldades culturais que geram, muitas vezes, a atrofia da criatividade e da expansão do potencial humano restringindo-o ao cumprimento formal das regras desenvolvidas mais para o controle, do que para a autonomia e a permissão de expansão e ampliação de horizontes. A libertação no contexto de enfrentamento se mostra como processo capaz de superar as diferenças culturais e étnicas, para desencadear processo de interação e reconhecimento da humanidade roubada e vilipendiada, manifestas como opressão, segundo Paulo Freire (1978). Dessa forma, a libertação se mostra como a capacidade de revitalizar a humanidade roubada e vilipendiada numa perspectiva de gerar superação em todos os níveis do que promove desumanização.

A Capoeira nesse contexto de libertação ao promover a interação fraterna e responsável para a valorização das relações com dignidade e amorosidade, tem como função social, entre outras, gerar forma própria para reagir aos desafios postos pela convivência social e econômica, imposta pelo modelo e contexto civilizatório individualista e sectário no qual estamos imersos.

Dessa feita a Capoeira como se apresenta, pode ser caracterizada como agente de mudança social que no início se apresentava como luta e que agora, se caracteriza como jogo e dança, embalada por música composta pelo grupo, animada por instrumentos que desafiam as regras do mercado e da industrialização. É a reação do desumanizado, construindo a revitalização de sua humanidade por meio de recursos ao alcance de todos, num vivo enfrentamento ao contexto de mercado que, antes de promover distribuição de rendas e

serviços, promove a ampliação da acumulação e a respectiva ampliação da marginalização e da miséria. A capoeira é assim um processo de superação da competição para se caracterizar como processo de interação, pois na competição é inevitável que exista sempre um que ganha e outro que perde e na interação todos desfrutam momentos de grandeza e plenitude.

A Capoeira no contexto freiriano se caracteriza ainda como dinâmica de libertação na medida em que se apóia na cultura dos seus praticantes sem ter a intenção e propósito de gerar novos aliados e adeptos. Se caracteriza como arte que emociona e cativa e por meio desses dois argumentos próprios do desenvolvimento dos sentidos e da sensibilização, do que os humanos têm de mais caro, que é o desejo de ser aceito e reconhecido. Esse reconhecimento e essa aceitação podem ser apontados como importantes atributos da capoeira como agente cultural, artístico e educacional da libertação e emancipação humana.

Cabe ainda destacar que a Capoeira tem mais um aspecto relevante como processo de interação e emancipação humana para sua plena humanidade, evidenciado por Leonardo Boff (1999), por meio de sua reflexão a partir do cuidado, como a mais pura e madura manifestação de natureza humana. É o cuidado que evita, protege, acalenta e acolhe. É o cuidado de cada pessoa consigo mesmo que gera o cuidado com o planeta e com a coletividade. É o cuidado que aproxima de forma plena e desinteressada para a manifestação plena da reciprocidade e da fraternidade, tão distantes da dinâmica imperialista própria da ideologia neoliberal que grassa nossas relações, transformando-as em meros negócios e reduzindo as pessoas a meros objetos de produção e consumo que deve se sujeitar e se assujeitar aos caprichos de quem tem o poder de promover essa situação desencadeadora de dores e aflições.

Essa posição de Boff remete a reflexão do cuidado para a caracterização de que todas as ações e relações humanas são de natureza política e por isso, movidas e sustentadas por forças e poderes, as quais cada um deve ter consciência de suas existências como algo a que está sujeito e a algo a que tem e que assujeita aos demais. Assim as forças e poderes não são boas ou más, mas são aspectos que caracterizam a condição humana na medida em que todas as pessoas sofrem suas ações e pressões mas também exercem ações e pressões. Esse jogo de vai e volta, mostra que além de se ter consciência dessas forças e poderes é fundamental que elas sejam debatidas e que na medida em que gerem ações sejam capazes de ser entendidas como responsabilidades a serem assumidas e valorizadas como manifestação da capacidade de interação de cada um.

Com essas posições se defende a posição de que a capoeira como manifestação humana gera dinâmica de libertação e autonomia capaz de desencadear mudanças sociais.

## Referências

- AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. São Paulo: Brasiliense, 1983. 3.ed.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.
- BOLA SETE, M. **A capoeira de Angola na Bahia**. Rio de Janeiro: Pallas, 1997. 2.ed
- CAMPOS, Helio. **Capoeira na universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: SCT-EDUFBA, 2001.
- CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. Rio de Janeiro:Record, 1999
- DUSSEL, Enrique. **Filosofia da Libertação**.São Paulo: Paulus, 1995.
- FALCÃO, J. L. C. A escolarização da capoeira. Brasília: ASEFE – Royal Court, 1996.
- FREIRE, João Batista. **O jogo: entre o riso e o choro**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- FREITAS, Jorge Luiz de. **Capoeira infantil : a arte de brincar com o próprio corpo**. Curitiba: Expoente, 1997.
- FREITAS, Jorge Luiz de. **Capoeira na Educação física: como ensinar**. Curitiba: Progressiva, 2007.
- HONNET, Axel. **Crítica del agravo moral**. Barcelona: Fondo de Cultura Economica, 2009.
- KEIM, Ernesto Jacob. **Educação da Insurreição: Georg Luckács e Paulo Freire e a emancipação humana**. Jundiaí SP: Paco Editorial, 2011.
- LEVINAS, Emmanuel. **Da existência ao existente**. Campinas (SP) : Papyrus, 1998.
- MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007,
- MONTENEGRO, A . T. **Reinventando a liberdade: a abolição da escravatura no Brasil**. São Paulo: Atual, 1989. 7ª ed.
- PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre Educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2005.
- RIBEIRO, João Ubaldo. **Viva o povo brasileiro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984
- ROMÃO, José Eustáquio. **Dialética da diferença**. São Paulo: Cortez, 2000.
- SERGIO, Manoel. **Motricidade humana - um paradigma emergente**, Blumenau. Furb,1995
- SILVA, Bruno Emmanuel Santana da. **Na Bahia tem Bimba em Pernambuco tem Brabo: fragmentos historiográficos dos mestres da capoeira pernambucana e suas**

**representações sociais.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, dissertação de mestrado em educação física, 2006.

SILVA, Rogério Reis e , **Capoeira na terra de alemão: a inviabilidade** cultural-Blumenau: Nova Letra, 2005

TRIGO, Eugenia. **Inteligência Creadora, Ludismo y Motricidade.** Popayán, Cauca, 2009